

10 volta às aulas

[por Débora Yuri]

capa

No Brasil, onde não se estimula a reciclagem de livros escolares, essa é a prática comum, que onera o orçamento familiar



Ler, rabiscar

F-26-1 p. 10 R. Folha

A biomédica Marcia Teresa Bernardini, 42, passou a última semana remexendo no material escolar de seus quatro filhos. Separou os livros em melhor estado e decidiu que, este ano, os exemplares usados serão reaproveitados.

Ela não é a única. A classe média parece estar cansada dos pesados gastos com educação e procura soluções práticas. “Está tudo muito caro. Eu ia gastar R\$ 1.000 só em livros didáticos”, diz Marcia.

De olho no orçamento, estabeleceu uma meta para o ano letivo: comprar “só” 70%

do material pedido para os dois filhos mais novos (gêmeos, 7 anos) e 20% para o do meio (10 anos). Para o mais velho, de 12, com exceção de dois exemplares emprestados de amigos, terá de comprar tudo.

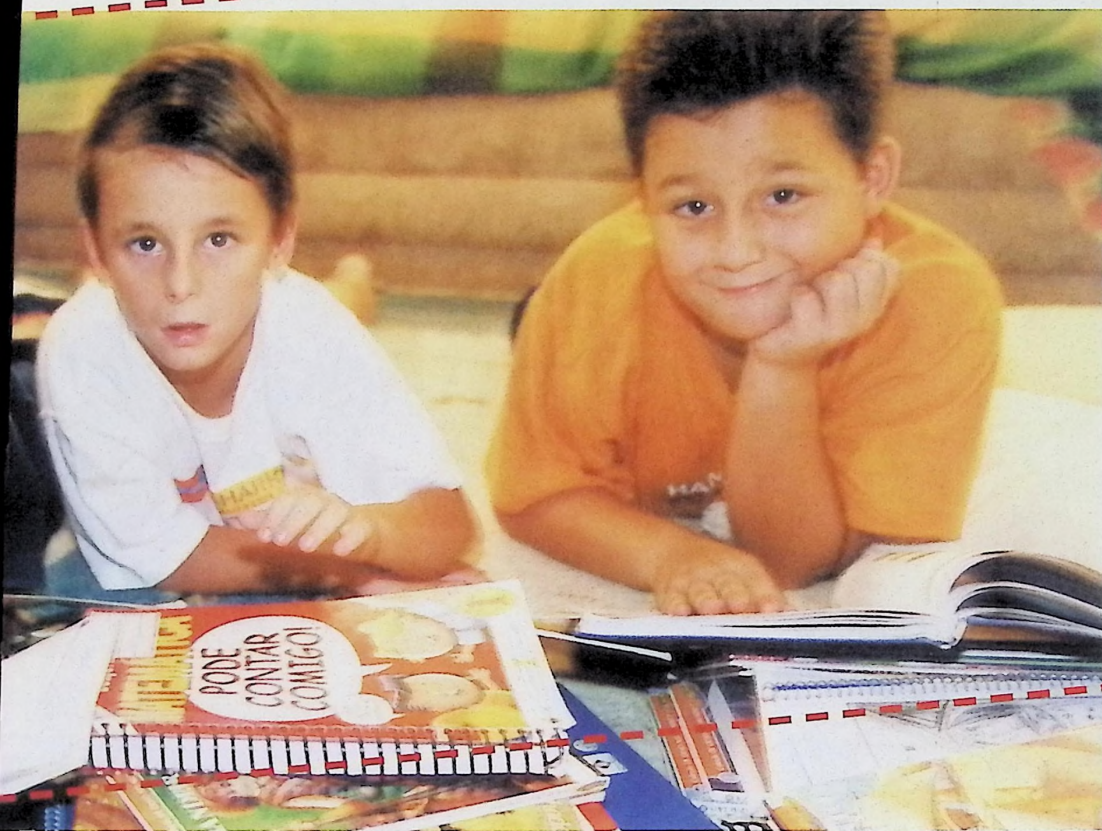
A tarefa não é simples. Boa parte do material é descartável, além de ser comum a escola mudar alguns títulos adotados de ano para ano, o que impossibilita a sua reutilização pelos irmãos mais novos.

Além dos problemas com as escolas, é preciso convencer as crianças. “O Felipe testa livro usado, diz que não vai levar para o colégio de jeito nenhum. Eu até com-

pro algumas coisas que já temos em casa só para evitar brigas”, diz Marcia.

Mais radical, a arquiteta Valéria Bain, 41, mãe de duas garotas (13 e 6 anos) e um menino (11), já decretou: “Lá em casa não tem conversa, os três vão reaproveitar livro usado e pronto. Não vejo vergonha nenhuma nisso”.

Em 2002, Valéria gastou R\$ 700 “por cabeça” só em material escolar. “Se você comprar tudo novo a cada ano, dá uma conta absurda. E quanto mais velho o filho, mais caro ele fica. Os livros são mais sofisticados, e ele não tem de quem pegar”, explica.



Fabiano Cerchiani/Folha Imagem

Os irmãos
Marcelo, 12,
Maurício, 7,
Guilherme, 7, e
Felipe Bernardini,
10, que vão
compartilhar
materiais
escolares

e JOGAR FORA

F 26-1 p.11 R. Folha

A briga para fazer a escola caber no orçamento familiar levou algumas mães do colégio Santa Maria, no Jardim Marajoara, a organizarem um bazar de itens usados em dezembro passado. O slogan era "Projeto Brechó: uniforme não sai de moda, livro também não".

"Um grupo de mães me procurou, interessadas em 'profissionalizar' a iniciativa. Elas já faziam um troca-troca informal, um comércio paralelo de livros e uniformes. Quando se encontravam no estacionamento, viam o que podiam trocar entre si", conta a pedagoga Maria Cecília Apos-

tolopoulos, 52, três filhos, organizadora do bazar. A própria escola cedeu espaço para o evento, que reuniu cerca de 1.000 exemplares de livros e 200 uniformes.

"Nós não vendemos nada. A pessoa ia lá, dava o seu livro ou roupa e trocava por vales. Depois, voltava para trocar o vale por algo disponível que interessasse", explica Maria Cecília, que agora está montando um sebo permanente de livros didáticos no colégio, começando com os cerca de 300 itens que sobraram do bazar.

A advogada Cláudia Feher Zilenovski, 44, também fez "pool de amigas" com fi-

lhos mais ou menos na mesma idade dos seus. "A gente troca muita coisa, até uniforme. Muito livro já foi e veio."

Indústria descartável A relação dos brasileiros com o livro didático revela uma cultura do desperdício, incompreensível diante da crônica escassez de recursos. Em países europeus, como a França e a Bélgica, e nas escolas públicas dos EUA, muitos estudantes passam a vida escolar inteira sem comprar quase nenhum livro didático, já que eles são cedidos pelas escolas e

Abaixo, alunos do colégio Santa Maria, na zona sul, visitam o sebo permanente que foi organizado por mães para "trocar" livros usados



Ao lado, os irmãos André, 11, Lilian, 6, e Vera Bain, 13, que aprenderam com a mãe a conservar seus materiais



aproveitados ano a ano.

"No Brasil, o livro já é feito para ser usado e descartado, rabiscado e cheio de exercícios para resolver. Isso vem da sua história", avalia Circe Bittencourt, 57, professora da Faculdade de Educação da USP e autora de tese sobre a história do livro escolar no país.

A pesquisadora lembra que nos anos 30, quando o segmento começou a se sedimentar no Brasil, as editoras já enxergavam ali uma mina de ouro. "Naquela época, um famoso editor já dizia: 'Eu não sei se um romance vai ter sucesso ou não. Agora, o livro didático tem um público cativo'", conta. "As editoras têm a faca e o queijo, o livro e o aluno que precisa dele."

Não é à toa que o setor didático foi o mais rentável do primeiro semestre do ano passado. Segundo dados da Câmara Brasileira do Livro, o faturamento foi R\$

472 milhões –sem incluir os gastos do governo federal. O segundo colocado, o segmento de obras gerais (literatura), faturou R\$ 238 milhões no mesmo período.

"Ter sua obra escolhida para integrar a lista de livros sugeridos pelo MEC é como trabalhar com cinema e receber uma indicação ao Oscar", compara a pedagoga e psicóloga Angelina Veronica de Andrade Chu, 44, que teve "Projeto Recriação de Português" (Ediouro) selecionada para a lista de 2004.

Todo ano, uma comissão de notáveis ligada ao ministério escolhe as obras que farão parte da lista. "Mas o dinheiro só começa a entrar se as escolas optarem pelo título", ressalva Angelina, que receberá 8% por exemplar vendido. Isso porque cada escola pública tem autonomia para selecionar quais quer utilizar.

Neste ano, o Programa Nacional do Li-

vro Didático do MEC distribuiu 52,4 milhões de livros e dicionários para cerca de 32 milhões de alunos do ensino fundamental, gastando R\$ 266 milhões. O Estado de São Paulo, que faz suas próprias aquisições, recebeu mais R\$ 37 milhões para isso. Outros R\$ 19,5 milhões foram empregados na compra de obras literárias que não precisam ser devolvidas.

E olhe que 2003 é um ano de "vacas magras", porque o governo só comprou material para os novos alunos da primeira série e fez a reposição dos volumes perdidos.

Para economizar recursos, o ministério vem investindo em campanhas de conservação e reutilização dos livros. Com bons resultados: no último levantamento do Inep (Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais), realizado em 2000/2001, 94% dos exemplares haviam sido devolvidos.

"Não dá para dizer que todos os volu-

F 26.1 p.12 R Folha

Como CONSERVAR seus livros

PROIBIDO

- ✗ Fazer orelhas e usar cliques para marcar páginas. Papel de bala, pétalas de flores e recortes de jornal também provocam manchas
- ✗ Comer enquanto lê
- ✗ Anotar com caneta
- ✗ Virar páginas com os dedos umedecidos em saliva
- ✗ Usar fita adesiva em páginas rasgadas. Prefira papel mino [japonês, de arroz], usando cola em bastão
- ✗ Encapar com plástico ou revestimento adesivo do tipo "contact". Eles tiram a característica original da obra e são elementos irreversíveis
- ✗ Guardar volumes em armários fechados [cria fungo]



CATÁSTROFES

- ✗ Livros molhados devem ser enxugados com papel-toalha e ventilador. Nunca coloque no sol ou microondas –entorta a capa e deixa as folhas quebradiças
- ✗ Se o exemplar for atacado por insetos, não aplique inseticida. Deixa manchas e causa danos à saúde de seus usuários. Chame ajuda especializada

Fonte: Dione Serapieni, especialista em conservação de acervos das bibliotecas da USP

RECOMENDÁVEL

- ✓ Use papel japonês para encapar, mas não deixe que as fitas adesivas ou colas entrem em contato direto com o livro
- ✓ Quando muitas páginas começam a se soltar, use cadarço (não elástico) para amarrar o volume
- ✓ Deixar os livros na posição vertical, e nunca inclinados nas prateleiras. Só volumes mais pesados devem ficar na horizontal [dicionários, atlas, livros grossos]
- ✓ Páginas soltas devem ser recolocadas com cuidado, utilizando pouca cola [dê preferência às de bastão]

mes devolvidos estavam em perfeito estado, mas eles puderam ser reutilizados pelas escolas", explica Maria José Perez, 53, secretária da educação fundamental do ministério. Foi um avanço em relação aos 70% obtidos em 98.

Com base naquela pesquisa e em estudos internacionais que demonstram que um volume pode durar até cinco anos, o MEC decidiu ampliar o prazo para reposição total dos livros de dois para três anos.

Lá fora Na rede particular brasileira, a filosofia de reaproveitamento não existe. O que muitos colégios têm feito é produzir seu próprio material didático –geralmente apostilas– e cobrar por elas. Nenhuma precisa ser fiscalizada pelo MEC. "A apostila é mais descartável que qualquer coisa, é uma mercadoria. Os colégios aprenderam que podem ganhar dinheiro com ela e hoje es-

tão concorrendo com a própria indústria do livro", diz Circe Bittencourt, da USP.

Pouquíssimas instituições praticam a rotatividade. A única exceção encontrada pela **Revista** foi a Escola Britânica (British International School) –e mesmo assim só com os livros produzidos pela matriz inglesa. Os nacionais são pagos pelos pais e ficam em definitivo com os estudantes.

"É comum que os livros importados sejam utilizados por três ou quatro alunos diferentes", diz o diretor José Antonio Freire Pepe, 52. Cada exemplar custa, em média, US\$ 25, mais os encargos de importação. O aluno paga uma taxa de utilização –mais ou menos o valor do livro rateado por quatro anos– e tem que devolver o exemplar no final do ano. Se ele estiver danificado, é cobrado o preço integral.

No Pueri Domus, outra escola que usa material importado, essa política não exis-

te e o preço, dolarizado, pesa integralmente no bolso dos pais. Este ano, o kit anual, que inclui livros e avaliações, custa cerca de US\$ 900, segundo a coordenadora da educação internacional do colégio, Karen Fraser Colby Mattos, 40.

Com a alta da moeda americana, as famílias decidiram formar um comitê para buscar uma nova política de material didático. "Quando era financeiramente viável, os pais preferiam ficar com os livros. Mas o dólar disparou no ano passado e eles estão procurando alternativas mais em conta", explica Karen.

Único dono Entre os educadores, é consenso que se deve ensinar o aluno a conservar seus livros –mas isso não quer dizer que todos apoiem a reutilização. A própria secretária do MEC valoriza a "relação pessoal" entre estu- ➤

F 26.1 P. 13 R Folha

VIVA a literatura

Autor de várias campanhas de incentivo à leitura e conservação dos livros escolares desenvolvidas pelo MEC, o escritor e cartunista Ziraldo, 70, acha que o livro didático deveria ser simplesmente banido.

"Ele é resultado de uma deficiência do ensino brasileiro. Como o professor não é bem preparado, o livro faz o trabalho dele, e assim se criou essa indústria rentável. Numa educação ideal, teríamos livros de consulta e obras literárias, e o didático deixaria de existir", acredita o criador de "O Menino Maluquinho" e outros títulos infanto-juvenis.

Ziraldo considera importante diferenciar as obras literárias "que merecem ser guardadas para sempre" dos livros escolares. "Ler é mais importante que estudar. Você 'faz' cabeças com literatura e poesia, não com didatismo. O jovem vai ler de verdade quando pegar um romance, um poema, um conto", diz.

Maria Angela Carneiro, da PUC-SP, admite que o ensino poderia existir sem o livro escolar, mas faz ressalvas.

"Há bons livros didáticos, não podemos colocar tudo no mesmo balaio de gatos. A maioria da população brasileira nem a eles tem acesso", afirma.

A professora concorda que a distinção entre literatura e livro escolar deve pesar na hora de montar uma biblioteca. "Por causa das atualizações constantes, os livros didáticos acabam se perdendo e, em poucos anos, deixam de ter qualquer serventia. Já as obras de um Machado de Assis ou um Fernando Pessoa são eternas."



A advogada Cláudia Feher Zilenovski, 44, guarda o material do filho mais velho, Alan, 13, para o caçula, Brian, 6

F 26-3 p. 14 R FOLHA

dante e livro. "O ideal é que a criança possa se apropriar do livro, rabiscá-lo, sentir que ele é seu. Mas isso nem sempre é possível", acredita Maria José Ferez.

Mais radical, Sylvia Figueiredo Gouvea, 67, diretora da Escola Lourenço Castanho, na Vila Olímpia, usa uma analogia "sexual" para defender a "pureza" do livro novo. "Se o aluno reaproveita o livro do irmão, como criar uma relação de amor com ele? Com os livros, a gente precisa ser monogâmico, não pode ser promíscuo. Não vale usar a namorada gasta do irmão ou do primo", diz.

"É óbvio que o livro novo oferece mais encanto, mas nós vivemos numa sociedade em que ele é artigo de luxo. Estima-se que 70% da população brasileira não tenha acesso a nenhum livro na vida. Quem não tem verba precisa viabilizar outras formas de tornar os livros acessíveis aos jovens. Quem vai negar o valor dos sebos?", rebate Maria Angela Barbato Carneiro, 55, professora de política de educação da Faculdade de Educação da PUC-SP e autora de um estudo que aponta que o material escolar consome 30% do orçamento familiar no início do ano.

Maria Angela acha que uma saída seria passar a produzir os livros com papel

mais barato ou economizar em detalhes que encarecem o produto, como imagens e capas incrementadas.

"Em Cuba, todo mundo tem acesso ao livro escolar, mas todos são feitos em papel jornal. Aqui, o custo é muito alto."

O mercado de obras didáticas oferece livros-texto (chamados não-consumíveis, só com a teoria), de exercícios (consumíveis) e aqueles que misturam os dois tipos. Por serem feitos para o aluno escrever e resolver questões, os de exercício não podem ser reaproveitados.

"Mas algumas editoras não vendem os de exercícios separados de seu livro-texto equivalente. Isso obriga os pais a comprar tudo de novo, mesmo o livro-texto intacto, quando eles poderiam pagar apenas pelo de exercícios", critica Maria Angela.

Enquanto a mudança não vem, a ruptura tem de partir de baixo para cima. A advogada Cláudia Zilenovski, por exemplo, já conseguiu transformar os filhos em aliados na sua cruzada contra o desperdício. "Até cadernos eles estão reutilizando, e não reclamam", conta. O segredo? "Pais que não incentivam o consumo. Tem coisa mais ridícula do que aquelas crianças na saída da escola ostentando celulares de mil e tantos reais?", provoca.

